



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS**  
**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET-FARMÁCIA)**



**TUTORA: Profa. Dra. Leônia Maria Batista**

**BOLSISTA: LUANNE MODESTO DANTAS**

**Ser Tão Velho Cerrado**

“Ser Tão Velho Cerrado” é um longa-metragem brasileiro do gênero documentário, lançado em 2018 com duração de 1 hora e 36 minutos e sob direção de André D’elia. O diretor e também produtor, executivo e roteirista esteve à frente de filmes como “O Amigo do Rei” e “Lei da Água – Novo Código Florestal”, ambos de cunho ambiental e de resgate e defesa dessa discussão. Com a obra em análise ele recebeu o Prêmio do Público de Melhor Filme na 7ª Mostra Ecoelefante de Cinema Ambiental 2018.

De antemão, o filme trata sobre questões relacionadas ao meio ambiente, com enfoque no bioma Cerrado, que sofre desmatamentos agressivos e substanciais, levando a consequências drásticas para a diversidade da fauna e flora local, com risco de extinção do ecossistema, bem como alterações climáticas e ambientais que impactam em todo o país. Desse modo, em defesa da rica região, moradores locais da Chapada dos Veadeiros se articulam na elaboração de um plano de ação que integre os interesses econômicos e a garantia da manutenção da natureza. Para isso, o filme se finca em um diálogo entre a comunidade científica, agricultores, famílias, proprietários de terra e ativistas ambientais, para que haja a garantia dos direitos ambientais e humanos.

O filme tem enfoque no bioma Cerrado, e para situar o espectador o enredo contextualiza o ecossistema como sendo datado de 45 milhões de anos e caracterizado como um hotspot, com ampla biodiversidade de plantas e animais, que correm o risco de extinção pela caça predatória e invasão constante dos espaços naturais. E como assunto atual, é alvo das expansões do agronegócio que intensifica ainda mais esse processo, além de acirrar conflitos entre ativistas ambientais e grandes proprietários de terra. Para isso há a mobilização dos próprios moradores da região para minimizar os danos decorrentes do uso inadequado dos recursos naturais, dentre eles a água, visto que o Cerrado também é rico em nascentes e fontes de água, sendo berço de onde partem importantes rios que atravessam o país como o Rio São Francisco e o rio Paraguai.

O enredo se mantém na troca de falas de cientistas, engenheiros ambientais e especialistas ao passo que também mostra as visões e justificativas de ruralistas e grandes proprietários. De modo que os links entre as falas e a mediação para o público acontece pelas falas do ator Juliano Cazarré e Valéria Pontes, que contrapõe pontos discutidos durante o filme,

principalmente rebatendo as justificativas dos grandes agricultores e desmentindo alguns dados e falas desses. De maneira importante tem-se o papel dos moradores da região que são a prova viva das mudanças que ocorreram durante a exploração de recursos naturais e que puderam testemunhar as consequências e impactos e relatar para o documentário.

Mesmo lançado em 2018, a discussão é muito pertinente nos dias atuais visto que recentemente e frequentemente tem-se notícias da devastação de queimadas e percas na biodiversidade tanto por mudanças climáticas que acentuam esse processo quanto por queimadas criminosas e induzidas pelo agronegócio, gerando um estopim para a disseminação do estrago no ecossistema. Desse modo, vale o alerta para a preservação do bioma Cerrado até os dias hodiernos, corroborando a discussão da falta de incentivo governamental.

Portanto, o objetivo do filme se cumpre ao alertar o público sobre destruições cotidianas sobre o cerrado, bem como a indiferença e negacionismo do governo frente a essa situação resultando na ausência de políticas públicas que protejam o bioma assim como a obra audiovisual se torna uma possibilidade de conscientização não só para quem vive na região, mas também para todo o país, na perspectiva que essas unam forças e cobrem do governo ações concretas de apoio a preservação do Cerrado.